

O discurso da contenção na composição do ambiente interior

Prof^ª. Dr^ª Carla Reis Longhi

“O ser começa pelo bem-estar.”

Gastón Bachelard

Resumo

Este trabalho tem como temática específica à discussão sobre o uso da cor na composição dos ambientes interiores na contemporaneidade. Embasado por resultados de uma pesquisa de campo e de uma análise que busca estabelecer uma discussão mais ampla sobre as condições de vida do homem contemporâneo, dialogando com as ciências sociais e a semiótica da cultura. Este artigo se propõe a construir uma análise cultural, pressupondo que nossa relação seja mediada pelas práticas sociais, pela sistemática econômica e pelos valores culturais; traduzindo noções de bem-estar retomando uma outra relação com a moradia.

Palavras-chave: Cores; Moradia; Semiótica; Condições de vida.

Abstract

This work is as specific thematic discussion on the use of color in the composition of Interior environments today. Embasado by the results of a search field, and an analysis that seeks to establish a broader discussion on the living conditions of man talks with the social sciences and the semiotics of culture. This article proposes to build a cultural analysis, assuming that our relationship is mediated by systematic social practices, by the economic and cultural values; translating notions of well-being resuming a different relationship with the housing.

Keywords: Color; Housing; Semiotics; Living conditions.

Este trabalho tem como temática específica à discussão sobre o uso da cor na composição dos ambientes interiores na contemporaneidade. Baseamos em pesquisa de campo adiante descrita. Contudo, esta análise se insere em uma discussão mais ampla sobre as condições de vida do homem contemporâneo. Partimos de uma reflexão posta sob o ponto de vista das

ciências sociais, dialogada continuamente com a semiótica da cultura. Este lugar do qual falamos sugere um olhar específico sobre o tema do trabalho.

Assim, ao buscarmos a compreensão dessa esfera cultural da cor, deparamo-nos com a necessidade de separar a atuação da cor como informação cultural das outras manifestações como a psicológica, a fisiológica, a física, etc. (Guimarães, 2000,p.86)

Propomos uma análise cultural, pressupondo que nossa relação com ela seja mediada pelas práticas sociais, pela sistemática econômica e pelos valores culturais. Ao ponderarmos sobre as condições do homem contemporâneo temos como pressuposto generalizante a reflexão sobre a sociedade capitalista e, como pressuposto específico, a análise das características do morador da metrópole paulistana. Consideramos, assumindo a conceituação proposta por Zigmunt Bauman (Bauman, 2007), que vivemos num mundo líquido-moderno. Assim, por um lado, São Paulo, como grande metrópole, expressa algumas características quase universais desta liquidez e, por outro lado, traduz uma especificidade urbana própria, constituída de intensa diversidade cultural, híbrida em sua essência, pulsante, dinâmica. Ela reflete preocupações próprias do homem de nosso tempo, elaborando-as, contudo, de modo específico e é sobre este modo de viver que iremos ponderar.

O mundo líquido é volátil, em contínuo movimento. Isto se explica, em última instância, pela incorporação das novas tecnologias da informação, que propiciaram o encurtamento dos espaços através de seu acesso em tempo real. É uma nova vivência do tempo e do espaço que favorece o dinamismo, a contínua transformação de tudo, desde decisões empresariais e governamentais, referentes à economia e à política, até a contínua mudança do cotidiano garantida pela incorporação de novos produtos e procedimentos, que alteram nosso entendimento sobre o trabalho, as relações sociais e a imagem sobre nós mesmos. Esta realidade, apesar de instigante e sedutora, já que nos conecta imediatamente ao mundo, pode tornar-se 'massacrante', pois desconsidera o tempo e o espaço das relações sociais, o tempo da afetividade.

Talvez a narrativa a seguir seja familiar; ela nos remete à velocidade da vida: 'Acordo cedo, vou correr; consegui fazer 2km, quase perco a hora, mas vôo para o trabalho, pelo menos garanti a atividade aeróbica; ligo

avisando sobre o congestionamento; talvez receba um carimbo de atrasado. Levo só frutas na bolsa; não gosto de abacaxi, mas emagrece e é diurético; já o mamão solta o intestino. Como no macrobiótico, pois preciso de fibras; leio livros de auto-ajuda nas folgas do expediente, pois preciso mentalizar boas coisas, mas não consigo ligar para minha mãe; fiquei sem falar com ela a semana toda; faz três meses que não ligo para a Célia, talvez amanhã. Recebo nova incumbência, preciso pesquisar e preparar novo relatório; talvez mude de setor na empresa, mais obrigações, indisposição com alguns colegas e melhores perspectivas salariais. Saio tarde do trabalho, fico no trânsito na volta para casa...duas horas...penso sobre o gás carbônico, fecho os vidros, acendo um incenso...não... li que incenso pode dar câncer. Coloco uma música zen, faço uma massagem no pescoço, preciso deixar a musculatura relaxada. Em seguida coloco o cd da aula de inglês, vou repetindo as frases. O dia rendeu. Em casa, esquento a comida pronta no microondas, mas tenho que tirar o espinafre, li que não é bom para quem tem pedra no rim; vou substituir pelo ovo, acho que ele foi redimido, é só evitar excesso de gema. Vejo TV, passando os cremes da noite, a pele precisa estar bem cuidada. Acho que amanhã no almoço vou marcar uma limpeza de pele, mas precisava ligar para a Célia. Ela pode esperar.'

Na crônica acima ensaiada vemos a administração da velocidade da vida interagindo com dois outros aspectos que no fundo são faces do mesmo elemento: o medo de não acompanhar o movimento e a busca pelo bem-estar, considerado hoje, o maior valor vital. A volatividade da vida torna os objetos descartáveis e, em última instância, o homem também; na ânsia de evitar esta situação, buscamos nos reciclar continuamente. Este procedimento traz embutida a necessidade de estarmos sempre conectados com as novas informações, predispostos às mudanças. Àqueles que não incorporam este discurso resta, sem sombra de dúvida, boa dose de culpa. Acordar tarde, ter uma relação mais lenta com o tempo; estar acomodado às funções dentro da empresa, sem tentar subir de posto, sem ser adaptável, significa não só não se adequar a um sistema imposto, como também estar ultrapassado. Esta situação vale também para os cuidados consigo mesmo; assim, não exercer atividades físicas, não cuidar da pele, do peso ou seja, não administrar seu corpo, que é seu 'cartão de visitas', não se adequando aos padrões estéticos,

indica não só ser antiquado como até, ser um perdedor e logo, descartável. Nesta lógica construída, a preocupação com o bem-estar físico é resultado das pressões do mercado. De certa forma, é um bem-estar neurótico, tenso, como em nossa crônica. Por outro lado, a busca pelo bem-estar traduz a busca pela felicidade em tempos fugazes. Na liquidez do mundo, a felicidade possível é a vivência do imediato, da qual fazem partes as sensações temporárias e a absorção de todas as novidades que possam dar conta deste bem-estar, físico (saúde e estética) e espiritual. Aqui, a lógica do movimento é o mesmo: o mundo oferece continuamente novos recursos e você não vai utilizá-los para o seu próprio bem-estar?

Esta é a tônica do mundo urbano, capitalista, contemporâneo. Ao sairmos às ruas nos deparamos com academias, centros estéticos, lojas de produtos naturais, restaurantes macrobióticos. Entramos nas livrarias e encontramos muitas seções de livros de auto-ajuda, gastronomia natural, cuidados com o corpo, a importância da espiritualidade. Ao organizarmos uma viagem de lazer, levamos em conta as características do hotel: respeita a natureza? Denomina-se Eco... Eco Resort? Ao ligarmos a televisão, o rádio, acessarmos a internet, folhearmos as revistas, jornais... encontramos enorme diversidade de produtos, matérias com estas questões. A temática político-econômica incorporou o debate sobre o meio ambiente, sustentabilidade e responsabilidade social. Este é, também, o tema de empresas que buscam um diferencial, que querem vincular sua marca à força destas idéias; a universidade e a intelectualidade incorporaram-nas, seja por que embarcam no calor da hora e não querem ficar de fora, seja por que genuinamente estão preocupados com estas questões. No cotidiano de cada um de nós, moradores desta cidade, não é diferente, apesar de se constituir de outro modo, não como questões a se debater, mas sim como uma reação quase inconsciente, impregnada em nossos corpos.

Tentamos na narrativa proposta, um pouco imprópria ao texto acadêmico, demonstrar que a noção de bem-estar, disseminada pelas mídias massivas e apropriada como senso comum, é própria de nossa época. Com isto, queremos dizer que devemos historicizar o conceito de bem-estar. Assim como ele foi descrito, é próprio do cenário atual, resultado do processo de globalização intensificado a partir dos anos 60, com o desenvolvimento, entre outros

aspectos, da tecnologia de informação e de pesquisas científicas em diversas áreas. Em função disto, o mundo do trabalho absorveu esta nova lógica, impondo um ritmo frenético, não só da rotina, mas das adaptações contínuas; é a reflexividade discutida por Giddens (Giddens, 1991), ou seja, a necessidade do sujeito rever continuamente suas estratégias, sua visão de mundo, seus relacionamentos, seu conhecimento, seus sentimentos, etc. As relações de trabalho tornam-se frágeis, instáveis e até sem sentido, pois por que iremos nos dedicar a pessoas com as quais competimos ou no mínimo, estabelecemos contatos circunstanciais. No meio desta turbulência, o sujeito busca proteção, acolhimento e segurança em sua própria intimidade. Talvez esta seja a única coisa definitiva em sua vida. E é por isto que consideramos o ambiente interior de extrema importância: é o reduto da intimidade possível.

Nesta mesma lógica, o espaço interior também busca traduzir noções de bem-estar e, este aspecto nos é muito caro pois, por um lado, ele expressa claramente este novo sentido de bem-estar e por outro lado, nos permite retomar uma outra relação com a moradia, relação esta que pode nos permitir devanear. Bachelard (Bachelard, 2003), quando coloca '*o ser começa pelo bem-estar*', certamente não se referiu a este bem-estar descrito e narrado, próprio de um tempo em que este autor já não vivia¹. Além disto, a frase nos possibilita pensar em outro sentido, recuperando uma significação do morar muito distinta da disseminada pelo senso comum. É sobre estas imbricações que iremos agora discorrer.

Para isto, apresentamos primeiro, o corpus desta pesquisa. Queríamos falar sobre o morar; em primeira instância, queríamos constituir um senso comum sobre a estética do morar. Para isto, procuramos expressões da estética de senso comum, o que para nós é muito bem expresso pela propaganda de apartamentos decorados. Assim, entendemos que os *folders* e materiais impressos em mídias massivas que apresentam modelos de moradia estão, ao mesmo tempo, disseminando um padrão estético, justamente considerado modelo e se apropriando de e sintetizando um discurso socialmente dado. Em função disto, nossa reflexão parte da observação de material específico: propaganda de imóveis com apresentação de apartamento

¹ Bachelard faleceu em 1962. A citação, presente no livro '*A Poética do Espaço*' é de 1957.

decorado, disponibilizados em materiais impressos (jornais e revistas). Selecionamos dois meios de intensa circulação (os jornais: Folha de São Paulo, acompanhado de sua revista semanal e o jornal Estado de São Paulo), considerando também os encartes distribuídos no exemplar de domingo. A delimitação deste corpus se define pela representatividade destes dois jornais na cidade de São Paulo. Foram observadas todas as propagandas no período de 1º. de março a 31 de maio de 2008.

Constituído o corpus, temos em mãos um recorte específico de análise sobre o ambiente interior, que exclui da discussão, tanto seus aspectos técnicos, para a análise de escolha de materiais e sua adequação às condições específicas de produção quanto à análise de elementos perceptivos não visuais, como questões de conforto térmico ou auditivo. Apesar da restrição gerada, apropriamo-nos da discussão proposta por Schmid (Schmid, 2005) na determinação das características do sentido da visão. Esta tem especificidades que merecem ser lembradas: é o sentido que nos possibilita abarcar uma totalidade imediata, pois vemos uma imagem em seu todo e somente num segundo momento começamos a desmontá-la para a observação dos detalhes; a visão nos possibilita alcançar longas distâncias e, diferentemente do som e do olfato, nos direciona com certo rigor; podemos ver um feixe de luz e definir sua direção, mas não podemos fazer o mesmo com o som, que se espalha e reverbera no ambiente. Por fim:

A visão tem especial capacidade de antecipar outras sensações. Olhando uma escultura de longe, sem tocá-la, podemos pressentir sua textura. Isto requer somente que a peça esteja iluminada com suficiente direcionalidade de modo a produzir sombras, todavia mantendo parcela de luz difusa de modo a não criar sombras demasiado profundas. Num restaurante, antecipamos sensações ao contemplar as fotografias no cardápio: sabor, aroma, texturas, e a própria temperatura da comida. (Schmidt,2005,p. 275)

Assim, a visão, ao dialogar com os outros sentidos, nos possibilita analisar outros aspectos da composição interior como as sensações que texturas, tecidos, materiais nos causam, bem como as sensações térmicas e auditivas, instigadas pela visão que, como o próprio autor indica, muitas vezes geram ilusões de sentido, que ainda assim, são absorvidas pelos observadores da imagem. E é neste sentido, ou seja, na apresentação de ambientes que

geram sensações (ilusórias inclusive) que a propaganda constrói seu discurso, disponibilizado pelas mídias massivas. Nesta prática, criam-se referências culturais sobre o morar e é este aspecto que queremos destacar.

Totalizamos 30 ambientes decorados, apresentados como propagandas de apartamentos no prazo estipulado para a pesquisa. Antes de partirmos para a análise do material, gostaríamos de delimitar alguns aspectos de análise. Apesar de propormos a análise de um de seus elementos compositivos (a cor), consideramos que seu sentido se constrói na interação com os outros elementos e, em função disto, abordaremos a observação do todo. Entendemos que a observação de um ambiente, nos limites impostos pela observação visual, pode contemplar os seguintes aspectos: descrição de materiais e texturas (priorizando os revestimentos), cores do ambiente (inclui todos os seus componentes, priorizando os que mais se destacam), formas predominantes (compostas tanto pelo mobiliário, objetos de decoração bem como, pela ordenação dos componentes no ambiente), o mobiliário propriamente dito (retomando suas linhas predominantes, observando estilos e épocas, além de matérias e cores) e, por fim, a organização dos componentes no ambiente. Para viabilizar o texto proposto, abordaremos superficialmente os vários elementos indicados, concentrando a análise no recorte estabelecido.

Partindo para a observação do material, podemos observar alguns padrões interessantes. Destes 30 ambientes², 21 deles apresentam, com maior impacto visual, a utilização da madeira como elemento compositivo prioritário, como revestimento ou mobiliário. Isto por que, como podemos observar nos exemplos abaixo, não há a utilização de fortes recursos visuais. O tom de cor varia do pastel ao monocromático, e por isto, a iluminação acaba reforçando estas tonalidades; as formas (tanto do mobiliário quanto da organização do ambiente) não apresentam grandes rupturas, mantendo constância nas linhas retas e logo, na composição quadricular ou retangular da ambientação. Neste sentido, há a prevalência de mobiliário moderno, de linhas retas e tonalidades

² Nem todas as imagens retiradas dos jornais foram utilizadas neste texto como material visual. Isto ocorreu pois não foi possível garantir qualidade fotográfica de todo o material, em função do tipo de papel, tamanho da folha e qualidade de impressão do original. Este material, contudo, foi utilizado em nossa pesquisa, tanto para a análise teórica, como para dados estatísticos.

claras, predominando o branco e o bege. Há, também, a constância no uso do tecido para o mobiliário (sofás e poltronas) e alguns objetos de decoração.



Estes ambientes inovam ao incorporarem as novas tecnologias, transformadas em conforto ambiental e oferecidas como mercadorias quase exclusivas. Assim, oferecem melhores acabamentos, o que pode nos sugerir a utilização, por exemplo, de vidros anti-ruídos, materiais que não deformam, ambientes controlados eletronicamente, etc. Por outro lado, eles mantêm as características da organização e conceito ambientais. A totalidade dos ambientes privilegia as linhas retas (podemos notar o formato das janelas, a disposição da madeira em linhas, os tapetes, quadros, as linhas predominantes do mobiliário) e mesmo quando há a utilização de móveis com linhas curvas, estas são equilibradas com outros móveis retos e com a organização do ambiente na forma já indicada. As ambientações são rígidas, não só em suas formas como também pela apresentação de espaços que estipulam com clareza a sua função (sala de estar, de jantar, varanda social, escritório). Dos 21 ambientes que privilegiam o uso em destaque da madeira, 9 relacionam a utilização da madeira com o contato com a natureza. Este contato pode ocorrer pela presença de plantas no ambiente ou pela apresentação do espaço exterior repleto de jardins ou ainda pela caracterização do bairro, como um lugar arborizado.



Por que a prevalência da madeira? Várias podem ser as respostas, mas a meu ver, todas convergem para a mesma idéia: bem-estar. Em primeiro lugar, a madeira é um material que remete à sensação de conforto térmico: é um material quente, que equilibra o ambiente em relação à temperatura externa; ao mesmo tempo é agradável ao tato (principalmente como é apresentada- lisa) e colabora com o conforto auditivo, pois não é material que reverbera o som. Pode aguçar, inclusive, o olfato pois, como nos lembra

Baudrillard, cada madeira tem seu próprio cheiro, sua própria cor e movimento, pois nunca permanece igual: tem vida. Este último aspecto pode funcionar como a lembrança de um imaginário poético sobre o material, já que hoje a madeira maciça nem sempre é utilizada.

Além de garantir conforto corporal, nos aspectos acima citados, a madeira remete à natureza; se associada às plantas, reforça ainda mais a sua relação com o meio ambiente, criando referências de ar puro, de bem-estar visual, garantido pela predominância do verde e remetendo à uma noção bucólica de tranquilidade cotidiana, na casa e no bairro, como podemos observar nas fotos, que procuram destacar elementos externos, como a rua e o entorno. Assim, temos o bem-estar físico e espiritual. O bem-estar individual pode ser associado discursivamente ao bem estar social, nas suas preocupações com sustentabilidade e responsabilidade social: uma boa forma de garantir isto, presente em alguns dos projetos observados (como os a seguir indicados) é o da referência a outros materiais naturais, como a utilização de fibras em mobiliários e revestimentos.



Além de toda a referência que a madeira suscita, incorporando a mesma lógica argumentativa, há um discurso de preocupação social embutido, pois o Brasil tem abundância em algumas fibras e seu uso, muitas vezes, pressupõe o financiamento de grupos locais no preparo das mesmas. Como materiais naturais, não agredem o meio ambiente e podem colaborar com a responsabilidade social. Do total de apartamentos decorados, 4 destacam o design do interior através do mobiliário composto de fibras naturais e 2 deles apelam, apenas, para a exuberância da natureza. Com estes dados queremos destacar o fato de que 90% dos ambientes apresentados nas propagandas têm como mote central o apelo ao bem-estar (físico e espiritual), traduzido em

suas referências aos materiais naturais e sua associação com a natureza. Podemos lembrar, também, que 100% dos ambientes apresentados utilizam os tecidos em seu mobiliário. Isto nos traz uma discussão interessante, pois por um lado, reforça a discussão já estabelecida sobre o bem-estar. Os sofás e poltronas de tecidos remetem ao conforto tátil e aludem ao conforto corporal pela pressuposição de que acomodam melhor o corpo, pela maciez e movimento de suas almofadas. Podemos notar pelos exemplos abaixo, que esta sensação pode ser ilusória, pois como podemos observar, muitas vezes seus braços são baixos e rígidos demais, tal qual suas almofadas. Esta situação pode ser recompensada pelo encosto com angulação correta, adequando-se ergonomicamente.



Dois aspectos nos chamam a atenção: a variedade de cores e o uso de tonalidades fortes não são associadas à noção de bem-estar e as linhas curvas são pouco utilizadas. Dos 30 ambientes apenas 3, ou seja, 10% do total de apartamentos decorados, apresentam algum objeto ou nicho com cores fortes. Não estamos nos referindo à ambientes com cores fortes, não há alusão a isto; referimo-nos, apenas, a alguma cor forte no ambiente.

O primeiro ambiente abaixo colocado destaca, em primeiro plano, o mobiliário de fibras naturais, rodeado de plantas; na sequência do olhar vemos um ambiente revestido em madeira, madeira esta que acompanha o tom das fibras naturais. A presença de cor forte se dá em duas únicas paredes, atrás e ao lado da mesa de jantar, ambas cobertas por dois quadros grandes com cores monocromáticas. A propaganda destaca, ainda, a relação com o meio ambiente, aspecto este já abordado.

mesmas, considerando, como coloca Hall, que o próprio processo perceptivo se constitui como elemento cultural:

O peneiramento seletivo dos dados sensoriais admite algumas coisas, enquanto elimina outras, de modo que a experiência, enquanto percebida através de filtros sensoriais culturalmente padronizados, é bastante diferente daquela percebida através de outros. O meio ambiente arquitetônico e urbano construído é expressão desse processo de filtragem-peneiramento. Na verdade, através desses meios ambientes alterados pelo homem, é possível descobrir como povos diferentes usam seus sentidos. (...) A experiência, portanto, não pode ser tomada como ponto de referência estável, por que ocorre num cenário moldado pelo homem. (Hall apud Okamoto, 2002, p. 62)

Assim, queremos frisar que assumimos as influências físico-fisiológicas causadas pelas cores. Sem dúvida, os estímulos luminosos sensibilizam em proporções e intensidades distintas, o que gera maior ou menor excitação visual; há variedade neste processo do tempo de leitura, dependendo da onda e colocação dos cones na retina. Esta composição gera sensações físicas distintas na leitura das diferentes cores. O tempo, por exemplo, para os cones vermelhos completarem a excitação é menor, fato este também explicado pelo posicionamento mais central do canal verde-vermelho na retina. Esta situação gera, no caso da cor vermelha, uma saturação mais rápida, sugerindo a movimentação do olhar para buscar equilíbrio. O processo é quase inverso na leitura do azul. Assim, é inegável que os aspectos físico-fisiológicos explicam as distinções no contato visual com as cores, o que geram as leituras de cunho psicológico, que indicam a melhor localização para o uso das mesmas nos variados ambientes. Podemos, contudo, utilizar um interessante exemplo dado por Guimarães para justificar nosso recorte, que prioriza os elementos culturais na utilização das cores:

Suponhamos que um garoto precise entregar um pacote em determinado endereço onde ele nunca estivera até então. Ao chegar ao local, ele lê, na porta, a recomendação 'entre sem bater'. Ao entrar ele se depara com uma sala totalmente vermelha. O vermelho pode provocar um aumento no seu ritmo cardíaco. Trata-se de um comportamento dos códigos primários. Do repertório da linguagem das cores, e sob a atuação dos códigos terciários, o entregador pode vincular o vermelho a sangue e

extrair a conotação de violência e perigo. O coração definitivamente dispara e o medo, como um estado alterado, faz aflorar a 'segunda realidade'. O garoto pode imaginar diversas situações: a sala pode ser de uma seita demoníaca, como num pesadelo ou num filme de terror, ou pode ser uma sala do Comando Vermelho e o pacote que ele carrega uma bomba, armas, drogas, etc. Mas se substituirmos o pacote fechado por um ramallete de flores, os códigos primários e secundários induzirão o garoto a buscar, na segunda realidade, outras conotações para o vermelho: ele pode passar a acreditar, por exemplo, que está dentro de um prostíbulo. O seu rosto ruborizado (outra presença da cor vermelha) acusaria a sua perturbação. (Guimarães, 2000, p. 106/107).

Assim, entendemos que, em primeira instância, a relação com a cor se diferencia em cada cultura e, em segunda instância, numa mesma cultura, nossa leitura das mesmas pode depender de nosso repertório individual, advindo de nossa experiência específica, bem como, como tratado no exemplo utilizado, ser resultado da composição de vários elementos distintos, que em suas combinações podem gerar sensações diversas e às vezes opostas. A partir desta proposição, entendemos que as propagandas de ambientes decorados analisadas neste trabalho disseminam uma leitura social sobre o papel das cores. E, como já demonstrado, associam a moradia ideal, composta de uma noção de bem-estar a tons pastéis e/ou monocromáticos. Buscamos em Baudrillard um entendimento para esta situação:

A tradição submete a cor à significação interna e ao fechamento das linhas. Mesmo no cerimonial mais livre da moda a cor toma amplamente seu sentido fora de si mesma: é metáfora de significações culturais postas em índice. No nível mais pobre a simbólica das cores se perde no psicológico. (Baudrillard, 1968, p. 38)

O autor começa remetendo a um aspecto específico: a falta de autonomia da cor; ela não vale por ela mesma, liberta para ser utilizada em qualquer circunstância; está sempre presa a processos de valoração. Assim, em função de códigos culturais seu uso é cerceado para garantir os entendimentos esperados. Não se usa muito o vermelho, por exemplo, pois pode remeter à sedução ou tornar-se um tanto chamativo e até vulgar. Aqui, esta cor pode

tornar-se imoral. Caminhando nesta linha de análise, Baudrillard indica que a contenção no uso da cor favorece o controle do sujeito:

O interior burguês a reduz, no mais das vezes aliás, à sobriedade dos matizes e das 'nuanças' (...) há aí uma recusa moral da cor como do espaço. Da cor sobretudo: espetacular demais, ela constitui uma ameaça à interioridade. O mundo das cores opõe-se ao dos valores e o elegante é ainda o esmaecimento das aparências em benefício do ser: negro, branco cinzento, zero grau da cor- é também o paradigma da dignidade, recalque e do standing moral. (Baudrillard, p. 38)

A idéia de 'ameaça à interioridade' merece aprofundamento. As cores, em seus fortes estímulos visuais, exploram o sensório e, de certo modo em seu limite, liberam os instintos. Este procedimento poderia gerar profunda liberdade da intimidade e expressão da diversidade. Torna-se instável, imprevisível e descontrolado, pois liberaria a intensidade do ser, assumida como gestual social. Este processo emancipador caminharia em oposição às práticas sociais que buscam organização e contenção como formas de controle social. Como colocado por Baudrillard, os matizes e nuances garantem sobriedade. Foucault nos mostrou com a idéia do Panóptico³ que a melhor forma de controle social é aquela em que a vigilância torna-se introjetada, gerando a auto-vigilância e esta transformando-se em passividade. O ambiente interior residencial não precisaria seguir princípios rígidos de organização social pois, diferentemente dos ambientes comerciais, não está regido por ordenamentos econômicos e regras de funcionamento. Mas, por outro lado, o ser humano não é um ser esquizofrênico, que se polariza em comportamentos opostos conforme o local no qual interage. Ao contrário disto, os comportamentos, justamente por que estão incorporados, expressam-se nos vários espaços em que o ser circula e, apenas em circunstâncias específicas, são extravasadas.

Com isto queremos afirmar que a sociedade capitalista é profundamente cerceadora e controladora e poderíamos discorrer longamente sobre este

³ O Panóptico, termo criado por Jeremy Bentham e utilizado por Foucault para a análise dos processos de controles sociais, representava a prisão ideal. Ela continha uma torre em seu centro que garantia a visualização de todos os outros espaços (celas, pátio e corredores) o que gerava a percepção no preso de vigilância constante. Como esta não podia ser comprovada, o prisioneiro sentia-se observado mesmo que não estivesse sendo naquele momento e, com isto, mantinha continuamente o comportamento.

aspecto, não só justificando-o, como também, caracterizando-o, mas este não é o eixo de nossa explanação. Seus resultados, sim, nos interessam pois, apesar do discurso social de liberdade, o homem é, de fato, livre somente para consumir, na multiplicidade de escolhas disponibilizadas pelo mercado e livre para optar entre viver pedalando, como diria Bauman ou assumir os riscos do fracasso. E, as estratégias de controle aparecem de muitas formas, entre elas, o cerceamento dos espaços públicos e a proposição de modelos estéticos para os espaços privados. O homem deixa de ter espaços de interação, centralizando sua atenção nos espaços e práticas de consumo.

Para estes espaços, os valores estéticos traduzem-se pela composição de algumas idéias: a noção de elegância se constitui pelas referências à sobriedade ora alicerçada na tradição, naquilo que expressa o culto, o glamour; ora em seu oposto, associadas às referências do modernismo, onde o mínimo é o belo. Ambas são intensificadas por dois outros valores burgueses: organização e funcionalidade. Estas são proposições do mundo da produção, do mundo do trabalho; incorporados aos espaços privados e às interações sociais, disseminam o que Edgar Morin denomina de 'industrialização do espírito', tornamo-nos máquinas produtivas e organizamos nossa vida de modo que tudo flua e, certamente, o ambiente refletirá estes aspectos.

Ao retomarmos os ambientes propostos, notamos a presença destes aspectos: são exatos e rígidos em suas linhas, o que será lido por muitos como ambientes limpos e puros, sem excessos de objetos, formas e cores. São organizados em sua composição espacial e são funcionais, não só na caracterização clara das ações propostas para cada ambiente, como também, na disposição de seu mobiliário ordenado cartesianamente (quadrados e retângulos), previsíveis e com seus objetos planejadamente dispostos. O uso da cor forte, quando há, é proposta na lógica da ordenação, a partir do jogo absolutamente calculado do 'quente' e 'frio'. Assim, o laranja utilizado no sofá de um dos ambientes, compõe articuladamente com o branco das paredes e do piso e com o preto do fundo. Já o vermelho utilizado na parede do ambiente de jantar, se articula imediatamente com quadros grandes e monocromáticos. São modelos de moradia, modelos de interação e, logo, modelos de comportamento e de estética. Opõem-se ao uso da cor, tornando-as, como o próprio autor cita, 'signos-cilada', pois "*álíbis através dos quais é dado ver uma*

liberdade que não pode ser vivida” (Baudrillard,2000, 39). Isto por que a intensidade da cor, bem como a proposição de ambientes imprevisíveis em sua organização, com composição de formas díspares e irregulares e entulhados de objetos remetem à sensação de descontrole e caos, já que como visto, a percepção é treinada culturalmente. Seriam associados à desorganização, à irresponsabilidade, à obscenidade, à falta de elegância, de glamour e de beleza. As cores utilizadas em excesso opõem-se à estética vigente.

Assim, concluímos que a noção de bem-estar contida nos ambientes observados traduz as principais referências da dinâmica capitalista: ordem, limpeza, contenção e funcionalidade. Estes aspectos englobam as noções de passividade e auto-vigilância.. Agregam a estes aspectos-chaves noções mais contemporâneas de conforto visual, relacionado à natureza e preocupações com a sobrevivência do ambiente e logo, do próprio sujeito, incorporando preocupações relacionadas à sustentabilidade, humanizando seu próprio produto. Aqui, então, o bem-estar também é mercadoria, como todos os outros produtos citados em nossa narração inicial.

Nossa intenção, então, é a de desmascarar os processos simbólicos de controle sociais, apresentados como ingênuas mercadorias, no intuito de recuperar a proposição anunciada por Bachelard ‘*o ser começa pelo bem-estar*’. O autor parte da análise da casa como imagens de intimidade consideradas ‘*imagens do espaço feliz*’. Neste sentido, os espaços de intimidade são íntimos justamente por que remetem ao bem estar afetivo, aquela sensação de acolhimento e conforto originária, quase uterina. Para nós estas sensações só podem ser alcançadas se o ambiente interior conseguir expressar a intimidade do ser, respondendo à lógica interna e não aos padrões estéticos e principalmente ideológicos da sociedade.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**, São Paulo, Martins Fontes, 2003.
- BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**, São Paulo, Perspectiva, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida Líquida**, R. J., Zahar, 2007
- GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**, SP, UNESP, 1991
- GUIMARÃES, Luciano. **A Cor como Informação**, São paulo, Annblume,2000.

OKAMOTO, Jun. **Percepção Ambiental e Comportamento**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2002.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa- pequena história de uma idéia**, R.J, Record, 2000, 3ª. Edição.

SCHMID, Aloísio Leoni. **A Idéia de Conforto**, Curitiba, Pacto Ambiental, 2005.